

Inversão locativa em inglês L2: Um caso de teste para a Hipótese de Interface

Joana Teixeira

FCSH/NOVA - CLUNL

joana.v.teixeira@gmail.com

Na última década, a investigação desenvolvida em Aquisição de L2 sobre a interface sintaxe-discurso tem sido influenciada pela Hipótese de Interface (HI) (Sorace, 2011; Sorace & Filiaci, 2006), segundo a qual, enquanto todas as propriedades estritamente sintáticas são adquiríveis numa L2, as que envolvem a interface entre sintaxe e domínios externos à gramática, como discurso e pragmática, são um locus de opcionalidade residual, mas permanente, no estágio final de aquisição. Na sua forma atual, a HI propõe que esta opcionalidade é fruto de ineficiências na integração de informação sintática com informação externa à gramática no uso da língua em tempo real, as quais, por sua vez, são um efeito secundário do bilinguismo (Sorace, 2011). Embora a HI seja confirmada por muitos estudos (cf. Sorace, 2011), os resultados de alguns trabalhos recentes sugerem que as estruturas na interface sintaxe-discurso não são necessariamente problemáticas (e.g. Donaldson, 2011; Ivanov, 2012; Slabakova, 2015). Em investigação recente, Domínguez & Arche (2014) e Slabakova (2015) propõem que estas estruturas só geram dificuldades em níveis (muito) avançados quando são diferentes na L2 e na L1 e o input não é transparente (e.g. porque a estrutura é infrequente). Crucialmente, quer os estudos que apoiam esta hipótese, que designaremos “Hipótese L1+input”, quer os restantes estudos que infirmam a HI baseiam-se essencialmente em tarefas *offline* e sem restrições de tempo, que não são as mais adequadas para captar opcionalidade resultante de ineficiências de processamento.

Com o objetivo de testar a HI e a Hipótese L1+input, o presente estudo investiga o estágio final da aquisição de inversão locativa (IL) em inglês L2 – francês L1 e inglês L2 – português europeu (PE) L1. Este é um terreno de teste apropriado para ambas as hipóteses por três motivos. Primeiro, em inglês, a IL situa-se na interface sintaxe-discurso: só é admitida quando o locativo (Loc) pré-verbal é tópico cénico (Teixeira, 2015), o sujeito (S) foco (Birner, 1996) e o verbo (V) um inacusativo de existência e aparecimento ou um inergativo que expresse uma atividade prototípica do S (e.g. *glitter*

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

com um S que prototipicamente brilha como *a diamond*) (Levin & Rapaport Hovav, 1995). Segundo, a IL é infrequente no input. Por último, esta inversão está sujeita a condições semelhantes em inglês e francês, mas não em PE. Esta língua difere das restantes num aspeto crucial – permite IL com todos os tipos de V (cf. Pereira, 1998). Dadas estas características, a Hipótese L1+input e a HI fazem predições diferentes sobre o desempenho dos falantes de PE e de francês no que diz respeito à IL em inglês. A primeira prediz que os falantes de PE terão um desempenho divergente e os de francês um desempenho convergente. A última, pelo contrário, prediz que ambos exibirão opcionalidade, particularmente nas tarefas mais exigentes para o processador (e.g. tarefas com restrições de tempo).

Participaram neste estudo adultos falantes nativos de PE ($n=26$), francês ($n=26$) e inglês ($n=26$). Os falantes não nativos de inglês começaram a aprender esta língua entre os 8 e os 11 anos, tendo atingido um nível ou quase nativo (aprox. 50%) ou avançado. Através de 2 tarefas *drag & drop*, 2 tarefas de juízos de gramaticalidade rápidos e 1 tarefa de *priming* sintático, testámos, por um lado, o tipo de contexto discursivo em que a IL é admitida – loc tópico + S foco vs. loc foco + S foco vs. loc foco + S tópico – e, por outro, o tipo de V permitido nesta inversão – inacusativo de existência e aparecimento vs. inacusativo de mudança de estado vs. inergativo que expressa uma atividade prototípica do S vs. inergativo que não satisfaz esta condição. A análise preliminar dos resultados sugere que, como predito pela HI, todos os falantes de inglês L2 exibem opcionalidade na interface sintaxe-discurso, ainda que esta seja mais acentuada quando L1 e L2 diferem.

Referências

- Birner, B. (1996). *The discourse function of inversion in English*. New York / London: Routledge.
- Domínguez, L., & Arche, M. J. (2014). Subject inversion in non-native Spanish. *Lingua*, 145, 243-265.
- Donaldson, B. (2011). Nativelike right-dislocation in near-native French. *Second Language Research*, 27(3), 361-390.
- Ivanov, I. P. (2012). L2 acquisition of Bulgarian clitic doubling: A test case for the Interface Hypothesis. *Second Language Research*, 28(3), 345-368.
- Levin, B., & Rapaport Hovav, M. (1995). *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Pereira, C. (1998). *Inversão locativa em português*. (Dissertação de mestrado), Universidade do Porto, Porto.

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

- Slabakova, R. (2015). The effect of construction frequency and native transfer on second language knowledge of the syntax–discourse interface. *Applied Psycholinguistics*, 36(03), 671-699.
- Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, 1-33.
- Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339-368.
- Teixeira, J. (2015). Inversão locativa e tópicos cénicos: Os casos do inglês, francês e português europeu. Trabalho apresentado no XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade do Minho, Braga, Portugal.